

TRADUÇÃO DE YZH EM ISAÍAS 52.15

TRANSLATION OF YZH IN ISAIAH 52.15

William Lacy Lane*

Resumo

O artigo analisa a tradução de Isaías 52.15, particularmente, as diferenças de interpretação do termo יִזְחַל. As versões modernas divergem na tradução desse verbo, e essa divergência não se limita à terminologia, mas traz implicações ao próprio sentido da frase. Há pelo menos dois campos de sentido representados nas traduções: o primeiro corresponde a “borrifar”, “aspergir”; e o segundo, a “causar admiração”, “assombrar”, “causar espanto”. O argumento desenvolvido é o de que, para se interpretar essa passagem, precisa-se recorrer não apenas às evidências textuais, lexicais e gramaticais, mas também aos aspectos sintáticos e discursivos da unidade e seu contexto.

Palavras-chave: Isaías, Exegese, Profecia.

Abstract

This article analyzes the translation of Isaiah 52.15, particularly the differences of interpretation of the expression יִזְחַל. The modern versions of the Bible differ on how to translate this verb, and the differences are not limited to terminology, it is also related to the meaning of the sentence. There are at least two semantic ranges represented by the translations: one of them corresponds

* Faculdade Teológica Sul Americana, Professor e Diretor Acadêmico.

to “spatter”, “sprinkle” and the other, to “cause admiration”, “haunt”, “astonish”. The developed argument is that, in order to interpret this passage, it is necessary to analyze not only the textual, lexical and grammatical aspects, but also the syntactical and discursive elements of the unit and its context.

Keywords: Isaiah, Exegesis, Prophecy.

Introdução

O objetivo desse artigo é analisar a frase $\text{יְהִי לְךָ הַיָּמִים הַבְּרִיָּאִים}$ de Isaías 52.15 e, particularmente, explorar as diferenças de interpretação do termo יְהִי . As versões modernas em português divergem na tradução desse verbo, a qual não se limita à terminologia, mas também traz implicações ao próprio sentido da frase. As traduções abrangem pelo menos dois campos de sentido: o primeiro corresponde a “borrifar”, “aspergir”, enquanto o segundo, a “causar admiração”, “assombrar”, “causar espanto”.

A divergência entre as versões se deve basicamente a três fatores: textual, lexical e gramatical. O primeiro fator se deve à diferença entre o texto hebraico e grego. O termo יְהִי normalmente tido como derivado da raiz הנח , de significado “borrifar”, “aspergir”, é traduzido na LXX por $\text{\theta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\sigma\omicron\nu\tau\alpha\iota}$, no sentido de “maravilhar”, “estar admirado”, o que contribui para que, quando no plural, seja entendido que o sujeito do verbo é a expressão “muitos povos”. O segundo fator envolve justamente a definição do significado da raiz hebraica. Alguns entendem que há outro verbo idêntico cujo significado é “saltar”. Finalmente, o terceiro aspecto envolve compreender a relação do verbo com os demais componentes gramaticais da oração.

Além dos elementos textual, lexical e gramatical, as escolhas de tradução estão também influenciadas pela recepção do texto de acordo com a respectiva tradição religiosa. Mas conquanto sejam aspectos essenciais na interpretação da passagem, a semântica do termo no

contexto da unidade literária e a atenção a aspectos discursivos contribuem para a interpretação da passagem.

Para abordar essas questões e encontrar uma tradução que seja tanto coerente com dados textuais, lexicais, gramaticais e semânticos quanto com os elementos discursivos, será preciso delimitar a unidade literária dos v. 13-15, discutir as opções textuais, analisar a gramática e sintaxe da unidade, e buscar uma interpretação que esteja apoiada também nos aspectos discursivos e no contexto literário da passagem.

1. Delimitação da unidade

A unidade literária dos v. 13-15 pode ser definida por elementos gramaticais e literários. Do ponto de vista gramatical, o v. 13 se inicia com uma oração disjuntiva introduzida por וְאִנִּי, o sujeito do verbo é o 3º masculino singular especificado pelo substantivo “meu servo”. Do ponto de vista literário, “meu servo” introduz novo personagem ou figura central da unidade. A figura principal de Is 52.1-11 é “Sião”, “Jerusalém”, “filha de Sião” (v. 1-3, 7-9), e “meu povo” (v. 4-6) e “vós” (v. 11-12) como prováveis alusões aos cativos. Ainda que se argumente que “meu servo” seja outra figura para se referir aos cativos, há de se notar, de todo modo, que é uma nova figura dentro do capítulo 52, portanto, um recurso de ênfase que denota a introdução de nova unidade. Além disso, a partir do v. 13 o enunciador é YHWH, na primeira pessoa, diferentemente dos v. 7-12 em que o enunciado vem do profeta e se refere a YHWH na 3ª pessoa (v. 12).

A partir do 53.1 há também uma disjunção. O 53.1 não só quebra a sequência narrativa com duas orações interrogativas como introduz o sujeito indefinido – “quem creu”, “a quem foi revelado” – e literariamente, ainda que “o servo” seja o sujeito dos verbos principais no 53.1-

9, o interlocutor está na 1ª pessoa do plural como se observa nas expressões “nossa pregação”, “nos agradasse”, “nossas enfermidades” etc.

Conforme P. Beauchamp (1989, p. 327) demonstra, Is 52.13-15 é também a primeira unidade da composição de Is 52.13 a 53.11-12 cuja estrutura retórica permite observar uma correspondência entre 52.13-15 e 53.11-12. Ambas as unidades tratam do “meu servo” e o que ele fará a “muitos”. Essas unidades correspondem ao que Beauchamp chama de Voz 1 do poema.

2. Análise do texto

A análise da perícopes será feita de um lado por uma descrição dos aspectos textuais e gramaticais de cada versículo e, de outro, da análise da relação das orações gramaticais entre si. Privilegia-se, portanto, a sintaxe das orações e do período em lugar da análise morfológica de cada palavra. Nesse momento, o foco estará mais nas questões linguísticas e tradutológicas do que na interpretação histórica e teológica da passagem.

Para essa análise, parte-se da delimitação das orações¹. O critério adotado para a delimitação é a

a constituição de uma oração sintática a qual se define pela existência de um predicativo. Na prática isso significa que cada forma verbal finita (*perfeito, imperfeito, imperativo*) com seus complementos (*sujeito, objeto, etc*) forma uma oração. Também constitui uma oração os verbos infinitos (*infinitivo absoluto, infinitivo construto e participio*) em seu uso verbal e as orações não verbais que possuam um predicativo. (LANE, 2003, p. 15)

Essa delimitação e a observação da construção gramatical e sintática da oração servirão de base para a análise da relação entre orações que, por sua vez, possibilitarão a interpretação da passagem.

¹ Esse passo é descrito por Cássio M. Dias da Silva como segmentação (2000, p. 84-94).

Versículo 13

הִנֵּה יִשְׁכִּיל עַבְדִּי	13a
יָרוּם	13b
וְנִשָּׂא	13c
וְגִבָּה מְאֹד:	13d

O versículo é formado por quatro orações coordenadas sendo que nas duas primeiras o verbo está no imperfeito (v. 13a, 13b) e nas duas seguintes, seguindo a sequência narrativa, os verbos estão no perfeito consecutivo (v. 13c, 13d).

O v. 13a é iniciado com uma partícula de interjeição e uma oração assindética. Dessa forma marca o início de um período de forma enfática. A partícula הִנֵּה frequentemente introduz uma oração que aponta para algum fato novo e, muitas vezes, para introduzir de forma solene alguma declaração sobre verdades ou acontecimentos futuros (BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1977, p. 244). Segundo Delitzsch, é o modo favorito de Isaías introduzir de forma sucinta o tema ou assunto da perícopé (DELITZSCH, 1954, p. 304). Neste caso, trata-se da exaltação do servo de YHWH e se assemelha à introdução de outro cântico do servo em Is 42.1.

O verbo יִשְׁכִּיל tem sido traduzido por “agir/proceder com prudência” (RA, A21) ou por “obter êxito/sucesso” (TEB, BPer, NTLH, JPS)². A raiz שכל no hifil tem o sentido de “entender”, “compreender”, “ter discernimento” e também “obter sucesso” (KOEHLER et al., 1999, p. 1329)³. A tradução “ter êxito/sucesso” estaria em sintonia com a descrição do êxito de outros líderes na história de Israel, com o emprego da mesma raiz שכל no hifil, como Josué (Js

² As abreviaturas usadas para se referir às versões da Bíblia são: Revista e Atualizada (RA), Revista e Corrigida (RC), Almeida Corrigida Fiel (ACF), Almeida Século 21 (A21) Nova Versão Internacional (NVI), Edição Brasileira (EB), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), Bíblia do Peregrino (BPer), Bíblia de Jerusalém (BJ), Tradução Ecumênica Brasileira (TEB), Bíblia Pastoral (BPast), Jewish Publication Society (JPS), King James Version (KJV), English Standard Version (ESV), Luther Bible 1545 (Lut), Bíblia Santa Giovanni Diodati 1649 (GD).

³ Veja Westerman (1969, p. 253); Blenkinsopp (2000, p. 344); Childs (2001, p. 407).

1.7), Davi (1Sm 18.5, 14), Salomão (1Rs 2.3) e Ezequias (2Rs 18.7) (KOOLE, 1998, p. 263-264).

O termo עֲבָדִי é o sujeito do verbo לִשְׁכַּל, assim como dos demais verbos desse versículo. É também o assunto do v. 14 e 15, sendo aludido como referente ao sufixo pronominal da 3ª pessoa no v. 14b, 14c e 15b (há uma questão textual no sufixo da 2ª pessoa do v. 14a), e no sujeito do verbo do v. 15a. A interpretação da expressão “meu servo” envolve mais questões literárias, históricas, de recepção, discursivas e teológicas do que propriamente linguísticas e gramaticais. Basicamente implica em determinar se “meu servo” refere-se a um indivíduo, portanto, à figura de um libertador e messias, ou se é a figura e personalização de “meu povo”. Foge do escopo deste artigo discutir o sentido histórico e literário da expressão. Basta observar que “meu servo” é o sujeito dos verbos do versículo e assunto principal da perícopé.

O fato de a oração 13b ser assindética sugere ainda mais a ênfase do v. 13a. A partir do v. 13b, em coordenação com v. 13a, inicia nova sentença, que é seguida pelos verbos no perfeito consecutivo. A LXX omite esse verbo, talvez justamente pelo fato de não haver uma conjunção que o una à oração anterior. Contudo, essa omissão é equivocada.

A raiz do verbo מִרָּם tem o sentido de “ser elevado”, “ser exaltado”. O verbo está no imperfeito, portanto, podendo ser traduzido no futuro ou, pelo menos, no aspecto futuro. As duas orações que se seguem são sintática e semanticamente coordenadas.

O versículo pode ser então traduzido:

13a Vejam! Meu servo terá êxito.

13bcd Ele será exaltado, elevado e muito engrandecido.

Versículo 14

כְּאֲשֶׁר שָׁמְמוּ עֲלֵיךָ רַבִּים 14a

כִּן־מִשְׁחַת מֵאִישׁ מֵרֵאֵהוּ 14b
וְתִאָּרוּ מִבְּנֵי אֲדָם: 14c

O versículo 14 é composto de três orações, sendo que a primeira é iniciada com a conjunção כִּאֲשֶׁר que introduz uma oração condicional comparativa. Nesse tipo de oração, a conjunção introduz a prótase que muitas vezes é seguida pela apódose introduzida por כִּן (KAUTZSCH; COWLEY, 1990, p. 499; WALTKE; O’CONNOR, 1990, p. 641). Nesse versículo, a oração v.14b é introduzida por כִּן e também o v.15a é introduzido por כִּן. A correta tradução desse versículo depende, além das questões lexicais, de como tratar as questões textuais e como entender a relação das orações entre si e a relação entre o v. 14a e o v. 15.

No v. 14a a preposição עָלָיָהּ (‘por causa de ti’) é encontrada na Siríaca, Targum e dois MSS hebraicos com o sufixo pronominal da 3ª pessoa singular עָלָיו (‘por causa dele’). As versões que seguem a leitura do texto são: LXX, KJV, ESV, Lut, GB, JPS. As versões que adotam a variante são: RA, RC, ACF, A21, NVI, EB. A leitura mais difícil realmente é a do texto. Mas no próprio texto hebraico, ao contrário da LXX, o sufixo pronominal do v. 14b e 14c está na 3ª pessoa singular masculino, dando a entender que a referência do v. 14a é de fato o “meu servo”. Grogan (1986, p. 306) sugere que essa alternância de pessoa é típica da poesia hebraica, por isso o texto não precisa ser emendado. No capítulo 52, o sufixo da 2ª pessoa singular se encontra também no v. 1 e 2 em referência a Jerusalém, cidade santa; contudo esse sufixo é feminino, isto é, o povo é referido nesses versículos pelo pronome feminino, e aqui no v.14 o sufixo pronominal está no masculino. Isso dá a entender outro referente (KOOLE, 1998, p. 267). De todo modo, se mantido esse paralelismo, o v. 14a retoma o discurso direto de YHWH agora dirigido ao servo, não à nação, ainda que esse discurso direto não continue no v.

14 nem no 15 e em todo o capítulo 53 em que há uma distinção entre “nós” e “ele”. Portanto, a melhor tradução nesse contexto é “por causa de ti”⁴.

Embora não haja evidência textual, alguns sugerem que os v. 14b e 14c estejam fora de ordem e devam ser transportados para depois do 53.2, principalmente porque tanto v. 14b quanto o v. 15a começam com o advérbio לְ e que não é comum dois versos sucessivos iniciarem-se com essa partícula. Além disso, há um contraste nesse capítulo entre o sofrimento do povo e a futura exaltação do servo, e o v. 14b e 14c quebrariam e enfraqueceriam esse contraste (BLENKINSOPP, 2000, p. 346).

Sem emendar o texto, as versões em geral tomam essas duas orações como parentética (EB), como aposto (TEB) ou como explicativa (ACF, NVI, BPast). Algumas ignoram a tradução de לְ e interpretam a oração como independente (KJV, ESV, BPer. A21 também no v. 15). Como bem descreve Delitzsch (1954, p. 306), a frase (v. 14bc) tem sido quase unanimemente aceita como “parênteses contendo a razão do espanto provocado pelo servo de YHWH”⁵.

A interpretação da frase como parentética e explicativa resolve não só a questão textual como também a questão gramatical da relação de כִּי־אֲשֶׁר com לְ . A sequência de כִּי־אֲשֶׁר e לְ é típica de uma relação de prótase e apódose em que a prótase estabelece a condição ou, como neste caso, a comparação e a apódose, a oração principal (KAUTZSCH; COWLEY, 1990, p. 499; WALTKE; O’CONNOR, 1990, p. 641; KOOLE, 1998, p. 268). A questão é que o v. 15a também é introduzido por לְ e a repetição não é comum. Se o v. 14b e 14c são parentéticos isso possibilita entender que a relação de prótase e apódose é entre v. 14a e v. 15a (KOOLE, 1998,

⁴ Baltzer (2001, p. 398-399) prefere manter a leitura do texto, pois entende o texto no contexto de um tribunal em que o juiz divino inicia sua fala dirigindo-se ao servo.

⁵ Veja também Westermann (1969, p. 258).

p. 271-272). Segundo Delitzsch, os parênteses preparam o caminho para a mudança brusca do discurso direto para a declaração (DELITZSCH, 1954, p. 307).

No v. 14b, a expressão **מְשֻׁמָּת**, um substantivo absoluto traduzido por “desfigurado”, no texto de 1QIs^a está **מִשְׁחַתִּי**, o verbo na 1^a pessoa do perfeito da raiz **מִשַׁח**, “ungir”. A despeito das questões textuais e exegéticas que essa variante levanta, o contexto favorece a leitura do TM e a variante de 1QIs^a não se difere tanto do texto se o *yod* puder ser entendido como uma vogal paragógica ou um *hireq compaginis* (JOÛON; MURAOKA, 1993, p. 282; KAUTZSCH; COWLEY, 1990, p. 252).

O versículo pode ser traduzido:

- 14a Assim como muitos se espantaram por tua causa
14b – afinal, sua aparência estava tão desfigurada que nem parecia um homem,
14c e seu aspecto, nem mesmo de um ser humano –

Versículo 15

כֵּן יִזְהַר גּוֹיִם רַבִּים	15a
עָלָיו יִקְפְּצוּ מַלְכִים פִּיָּהֶם	15b
כִּי אֲשֶׁר לֹא־סָפַר לָהֶם	15c
רָאוּ	15d
וְאֲשֶׁר לֹא־שָׁמְעוּ	15e
הַתְּבוֹנָנוּ:	15f

O versículo 15 é formado por seis orações. A primeira oração, introduzida pelo advérbio **כֵּן** introduz a apódose em sequência ao v. 14a. A segunda oração é assindética, iniciada por uma preposição cuja função aqui é causal. A ordem sintática da oração é Objeto Indireto + Verbo + Sujeito, portanto dá ênfase ao objeto. A força da frase está justamente ressaltando a ação do servo expressa no v. 15a. A oração 15c inicia-se com uma conjunção com função causativa seguida de uma oração subordinada introduzida pela conjunção **כִּי**. A função dessa segunda conjunção é de introduzir o objeto do verbo principal do v. 15d. Portanto, forma uma oração

objetiva subordinada a 15d e pode ser traduzida, “pois veem o que não lhes foi contado.” As duas próximas orações têm estrutura semelhante. A oração 15e inicia com a conjunção **ו** seguida da conjunção **וְשִׁמְרֵם** que introduz o objeto do verbo principal de 15f: “e entendem o que não ouviram”⁶.

Há de se notar que os verbos das orações 15c, 15d, 15e, 15f estão no perfeito, ou seja, denotam ações anteriores à ação do v. 15a, 15b. As versões modernas divergem no modo de interpretar o tempo verbal. Boa parte das versões contemporâneas interpreta o verbo principal “verão” e “entenderão” (**וְרָאוּ**, 15d, **וְהִתְבַּוְּנוּ**, 15f) no futuro e o verbo da oração subordinada no pretérito mais-que-perfeito (**וְשִׁמְרֵם**, 15c, **וְשִׁמְרֵם**, 15e) (EB, A21, ACF, RA, EPast, JPS).

Conforme já apresentado na introdução deste artigo, as versões modernas divergem na tradução do v. 15a por pelo menos três fatores: textual, lexical e gramatical. A divergência se deve principalmente pela dificuldade de se entender como o verbo **וְשִׁמְרֵם** se relaciona na frase e de como seu sentido se encaixa nesse contexto. Na busca de responder essas questões, verifica-se a necessidade de identificar a raiz do verbo e de investigar se há necessidade ou possibilidade de reconstrução de alguma raiz alternativa; também é preciso analisar a construção da oração, uma vez que a relação sintática entre o verbo e a frase **וְשִׁמְרֵם וְלִי** tem sido interpretada tanto como sujeito quanto como objeto do verbo. A isso se acrescenta o fato de que a LXX traduz esse verbo **θαυμάσονται**, no sentido de “maravilhar”, e no plural.

A raiz do verbo **וְשִׁמְרֵם** é identificada como **ש.מ.ר.** É traduzida por “borrifar”, “salpicar” e “aspergir”. Este versículo está na 3ª pessoa do singular imperfeito de hifil. O verbo, contudo, é seguido da frase **וְלִי וְשִׁמְרֵם** sem ligação por meio de qualquer preposição ou sinal do acusativo. Acrescenta-se a isso o fato de que normalmente esse verbo é seguido da preposição **על**, **אל**, ou **לְפָנַי** e que o verbo não designa a pessoa ou objeto aspergido, mas o sangue ou água aspergida

⁶ Veja diagrama em Talstra (2005, Is 52.15).

sobre alguém ou algo (CHILDS, 2001, p. 412). Isso torna a tradução “aspergir/borrifar muitas nações” incoerente com o texto hebraico.

Há duas principais formas de solucionar o problema: 1) emendar o texto ou seguir outra variante textual; 2) associar o verbo a uma raiz idêntica, porém de outro sentido (YOUNG, 1955, p. 199). Quanto à primeira forma, propõe-se emendar o verbo para וַיִּזְרֹק , “eles tremerão”; וַיִּבְזְזוּ , “eles o desprezarão”; ou וַיִּתְרַסְסוּ de וַיִּתְרַס , “saltar”, “tremar”. Considerando-se o uso figurado no sentido de “espanto”, “admiração”, a emenda é favorecida pela leitura da LXX $\theta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\sigma\omicron\nu\nu\tau\alpha\iota$, embora, neste caso, o sujeito não é o “servo” e sim as “nações”.

Preservando-se o texto como está, e comparando a raiz desse verbo com o termo árabe *nazā*, alguns são da opinião de que há uma segunda raiz נזח com sentido de “saltar”, embora essa raiz não seja atestada na Bíblia Hebraica fora desta passagem (CLINES, 2001, p. 649; BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1977, p. 633; KOOLE, 1998, p. 273). Neste caso, a oração seria traduzida por “ele fará saltar (de espanto ou alegria) muitas nações”.

Tanto do ponto de vista textual quanto gramatical, o texto como está é a leitura mais difícil e mais provável de ser a original. Além disso, as emendas propostas não resolvem todas as questões gramaticais e sintáticas. Desse modo, é preciso levar em conta outros aspectos da interpretação. Há dois caminhos comumente adotados para a interpretação do texto. Um está mais relacionado à influência da recepção do texto e de seu sentido teológico. O outro busca encontrar na coerência do enunciado discursivo e do contexto literário o apoio para a correta interpretação do texto.

Edward J. Young, em seu capítulo final do estudo de Isaías, discute amplamente a tradução do verbo וַיִּזְרֹק , oferecendo as diversas opções textuais e interpretações. Apesar de ser um texto antigo, verifica-se que desde então houve muito pouco avanço no entendimento de todas as questões envolvendo a tradução desse termo. Young (1955, p. 206) defende a

manutenção do texto como está e apesar da sólida e convincente argumentação textual, lexical e gramatical, no último parágrafo do seu artigo fica claro que sua opção de tradução está fortemente influenciada pelo fato de procurar preservar o sentido de que o servo do Senhor é “apresentado diante de nós como aquele que realiza uma obra de purificação expiatória, uma descrição que só pode ser aplicada a Ele que carregou nossos pecados e derramou Seu sangue para fazer satisfação perante a corte da justiça divina”. Naturalmente, esse é o sentido da leitura cristã dessa passagem que introduz o capítulo 53. É muito importante nessa leitura preservar o caráter expiatório e cúllico do servo. De acordo com essa interpretação, a passagem é uma profecia da vinda do Messias e os autores do Novo Testamento encontram seu cumprimento na pessoa de Jesus. Para tanto, é preciso que se preserve o sentido de “aspersão” neste versículo, pois, desse modo, o ato do servo aqui em Isaías se harmoniza facilmente com a obra de Cristo no Novo Testamento.

Independentemente da recepção dessa passagem na comunidade e teologia cristã, segundo Childs (2001, p. 413), a ênfase no contexto cúllico dessa passagem é um tanto forçoso, pois o elemento cúllico não se demonstra claramente na superfície do texto.

Outro caminho a ser perseguido para interpretar o texto é olhar para elementos discursivos do próprio texto. Isso significa que além da discussão textual, léxica e gramatical, é preciso olhar para o sentido da unidade e também para seu contexto. Severino Croatto (1998, p. 272), por exemplo, é cético quanto à possibilidade de se definir o sentido da palavra, dizendo que seu sentido “é irrecuperável por ora”. Nem por isso, contudo, o texto permanece obscuro. Pelo contrário, segundo ele, “o do versículo é claro”. Em sua tradução para o comentário, Croatto deixa o verbo sem traduzir: “da mesma maneira fará . . . a muitas nações...”. No entanto, vê que o versículo deixa claro que “a admiração e o estupor provêm justamente dos poderosos” (CROATTO, 1998, p. 269, 272). Childs (2001, p. 412), semelhantemente, advoga que a questão

da tradução de הִזַּי é muito mais uma questão de campo semântico do que de variante textual e traduz o v. 15a como “ele assombrará muitas nações” (*so will he startle many nations*).

Essa perspectiva semântica e discursiva é reforçada pela relação sintática da prótase e apódose de כְּאֲשֶׁר (v. 41a) e כֵּן (v. 51a), conforme já indicado. De acordo com essa construção, pode-se entender o versículo como dizendo, “assim como muitos se espantaram [...] assim também assombrará muitas nações”. A comparação faz alusão ao estado anterior do servo que causou espanto entre muitos. Da mesma maneira que sua humilhação foi um espanto, sua exaltação também causará assombro e espanto às nações e aos reis da terra.

As duas orações também formam um paralelismo com a repetição de רַבִּים e a correspondência do verbo שָׁמְמוּ with הִזַּי, no sentido de assombrar. Esse paralelismo é tão nítido que alguns sugerem transpor o עָלְיוּ do v. 15b para o final do v. 15a com a finalidade não só de harmonizar a correspondência das duas orações como também para prover a falta da preposição no v. 15a. No entanto, isso tem sido sugerido por quem pretende tornar רַבִּים וְגוֹיִם o sujeito da oração e favorecer a leitura da LXX (GESENIUS; TREGELLES, 2003, p. 541).

O paralelismo não só enfatiza que “muitos” ficaram espantados com a condição do servo, como também possibilita constatar uma aproximação e correspondência semântica dos verbos e dos enunciados. O contraste entre a condição anterior e a condição futura do servo se explica, de fato, no paralelismo das orações seguintes dos respectivos versículos. Porém, as orações em si estão muito próximas em sentido.

14a כְּאֲשֶׁר שָׁמְמוּ עָלָיו רַבִּים
15a כֵּן יִזַּהּ גוֹיִם רַבִּים

Diante dessas questões, o v. 15 pode ser assim traduzido:

15a assim também assombrará muitas nações
15b por causa dele reis fecharão suas bocas

15cd pois, o que não lhes foi contado, verão
15ef e do que não ouviram, entenderão.

Conforme indicado, essa tradução se sustenta não só por questões pertinentes ao verbo em análise, mas por elementos que envolvem a estrutura sintática e discursiva da passagem. A unidade 13-15 introduz esse quarto cântico do servo e mantém uma correspondência com a conclusão do cântico no 53.11-12. Ali também se fala a respeito do “meu servo” – עבדִי, e pelo menos três vezes ocorre a expressão “muitos” – רַבִּים. Além disso, pode-se relacionar o entendimento que os reis obterão no v. 15f com o conhecimento do servo no 53.11c. Nesse sentido, o v. 15 aponta para o papel e a centralidade do servo diante das nações.

Essa passagem, naturalmente, suscita diversas outras indagações, como a identidade do servo, a relação do servo com o povo de Israel, o caráter expiatório de sua ação, a identidade dos “muitos” e o sentido histórico e escatológico do servo. Entretanto, essas breves anotações textuais, gramaticais e lexicais poderão subsidiar futuros estudos.

Conclusão

Boa parte do esforço de tradução e interpretação de um texto se concentra na análise lexical dos termos, sua morfologia e função gramatical, seu campo de sentido, suas relações sintáticas em uma frase e etc. Entretanto, a análise e tradução de um texto não pode se resumir a anotações da etimologia de uma palavra ou da forma ou aspecto de um verbo na frase. É preciso que se compreenda também a palavra dentro de suas relações sintáticas e as frases e orações em relação a outras orações na sentença e no período. Felizmente, há significativos esforços no estudo do hebraico bíblico no sentido de se investigar mais a fundo o texto hebraico por meio do estudo mais avançado da sintaxe das orações e também dos discursos.

Por meio deste artigo, procuro demonstrar a importância disso, especificamente, por meio de um texto em que há discordância sobre sua correta tradução. A análise da sintaxe da oração e sua relação na unidade são significativas para a compreensão e interpretação do texto.

Esse tipo de análise é desafiador. Para os que tratam do texto de forma mais purista, buscar o significado de uma expressão fora da etimologia e da semântica da palavra pode parecer forçar um significado que não está no texto. Por outro lado os desafios e dificuldades no domínio da sintaxe hebraica bíblica e de abordagens mais discursivas de análise do texto podem ser obstáculos para uma análise nessa perspectiva.

Mesmo antecipando as dificuldades e objeções a esse tipo de análise, é preciso que se avancem os estudos da análise sintática e discursiva de textos bíblicos e que se apliquem esses conhecimentos à exegese bíblica de forma que se possa tirar proveito desse tipo de análise.

Como se pôde ver, o objeto de análise deste artigo (o verbo YZH, v. 15a) pode ser traduzido por “assim também *assombrará* muitas nações” levando-se em conta não só as discussões textuais, léxicas e gramaticais em torno da palavra como também elementos sintáticos e discursivos da passagem. Essa tradução é mais coerente com o contexto literário e discursivo da passagem.

Bibliografia

- BALTZER, K. *Deutero-Isaiah: a commentary on Isaiah 40-55*. Edição Peter Machinist. Minneapolis: Fortress Press, 2001.
- BEAUCHAMP, P. Lecture et relectures du quatrième chant du serviteur: d'Isaïe à Jean. In: VERMEYLEN, J. (Ed.). *The book of Isaiah*. Leuven: Leuven University, 1989. p. 325-355.
- BLENKINSOPP, J. *Isaiah 40-55: a new translation with introduction and commentary*. Volume 19. Nova Iorque: Doubleday, 2000.
- BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1977.
- CHILDS, B. S. *Isaiah*. Louisville: Westminster John Knox, 2001.
- CLINES, D. J. (Ed.). *The dictionary of classical Hebrew*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001.
- CROATTO, J. S. *Isaías: a palavra profética e sua releitura*. Volume 2: 40-55: a libertação é possível. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- DELITZSCH, F. *Biblical commentary on the prophecies of Isaiah*. Tradução James Martin. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.
- GESENIUS, W.; TREGELLES, S. P. *Gesenius' Hebrew and Chaldee lexicon to the Old Testament Scriptures*. Bellingham: Logos Bible Software, 2003.
- GROGAN, G. W. *Isaiah: expositor's Bible commentary*. Edição F. E. Gaebelein. Volume 6. Grand Rapids: Zondervan, 1986.
- JOÜON, P.; MURAOKA, T. *A grammar of biblical Hebrew*. Roma: Editrice Pontificio Instituto Biblico, 1993.
- KAUTZSCH, E.; COWLEY, A. E. *Gesenius' Hebrew grammar*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1990.

KOEHLER, L. et al. *The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament*. Edição eletrônica. Nova Iorque: E. J. Brill, 1999.

KOOLE, J. L. *Isaiah III*. Volume 2: Isaiah 49-55. Leuven: Peeters, 1998.

LANE, W. L. A análise gramático-sintática na exegese bíblica. *Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul*, Campinas, v. 63, n. 56, p. 9-20, 2003.

SILVA, C. M. D. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000.

TALSTRA, E. *Biblia hebraica Stuttgartensia: WIVU constituency trees*. Bellingham: Logos Research Systems, 2005.

WALTKE, B. K.; O'CONNOR, M. *An introduction to biblical Hebrew syntax*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1990.

WESTERMAN, C. *Isaiah 56-66: a commentary*. Philadelphia: Westminster Press, 1969.

YOUNG, E. J. *Studies in Isaiah*. London: Tyndale Press, 1955.